

Que País É Este?

AFFONSO ROMANO DE SANT'ANNA

Rio de Janeiro: Rocco, 2010. 161p.

280

Profª Drª Maria Heloísa Martins Dias¹



Eis o que Affonso Romano de Sant'Anna se perguntava, com perplexidade, em sua coletânea de poemas de 1980, e seus questionamentos poéticos surpreenderam os leitores de então, numa época em que a nação sofria os males da ditadura militar. O impacto ganhou proporções imensas, não apenas pelo teor crítico contido nos versos e pela ousadia corajosa do poeta mineiro, como também pela repercussão internacional, pois leitores de vários países puderam ler o livro traduzido para suas línguas.

Quem relê ou lê hoje **“Que País é Este?”** pode não sofrer o mesmo impacto de outrora, mas certamente se surpreende com a atualidade do livro. A arguta visão do poeta desliza habilmente por caracterizações do cenário brasileiro e do próprio poeta – sua configuração histórica, notações político-sociais, expressões de cunho nacionalista, fatos ligados à sua

¹ Professora Livre-Docente de Literatura Portuguesa, na Unesp/ Ibilce/ São José do Rio Preto/São Paulo. heloisadias@unesp.br

Revista Fim do Mundo, nº 3, set/dez 2020



geração e à repressão do regime militar, os efeitos nefastos da ditadura, evocações da infância, mitos religiosos, seu papel como poeta – mescladas a uma ironia crítica e a resoluções estéticas engenhosas no manejo da linguagem poética: ditos populares, reflexões profundas, inversões de sentido entre o real e o figurado, trocadilhos, tudo isso vai compondo um retrato ao mesmo tempo fiel e carnavalizado do país. O resultado é uma poesia em que o lúdico e o sério permutam suas armas de resistência frente à realidade cruel:

Há 500 anos dizemos:
 que o futuro a Deus pertence,
 que Deus nasceu na Bahia,
 que São Jorge é que é guerreiro,
 que do amanhã ninguém sabe,
 que conosco ninguém pode,
 que quem não pode sacode.
 (...)
 Há 500 anos somos raposas verdes
 colhendo uvas com os olhos,
 semeamos promessas e vento
 com tempestades na boca.
 (...)
 Uma coisa é um país,
 outra uma cicatriz.
 Uma coisa é um país,
 Outra a abatida cerviz.
 Uma coisa é um país,
 Outra esses duros perfis.

Afinal, que país é este? Também nos perguntamos hoje, mas não precisamos de resposta, sabemos, assim como o poeta Affonso, que essa interrogação é histórica e pertence a todos nós, sua resposta “é coletiva”, conforme ele próprio confessa², acrescentando “escrever esse poema foi um parto, um exorcismo”. De fato, imagino o quanto foi preciso para o poeta

² No texto “Que País é Este? – O Poema” – Mergulhamos na obra de Affonso Romano de Sant’Anna. In: <https://www.rocco.com.br/blog/que-pais-e-este-o-poema>. 20. Mar.2015



uma autoanálise dolorosa, porém, terapêutica para repassar esse passado, que ainda se faz presente, infelizmente.

A numerosa e diversificada produção literária de Sant'Anna, em especial a poética, vem confirmando o que Adorno discutiu a propósito das relações entre lírica e sociedade em suas conferências.³ A tensão entre engajamento e realização estética por meio da linguagem poética rende resultados instigantes quando o que se destaca não é direta ou exclusivamente o conteúdo da mensagem, nem posições ideológicas radicais, mas o modo sutil como a linguagem cria recursos formais de resistência de ambos os polos para configurar o diálogo entre ética e estética. É o que as poesias de Sant' Anna vêm oferecendo ao leitor, desde seus inícios. Não vou percorrer sua produção, nem caberia neste espaço. Proponho apenas acompanharmos algumas passagens de poemas em que essa tensão se realiza por felizes resoluções poéticas.

Contido na obra *A Catedral de Colônia* (1985), o poema "De que riem os poderosos?" desperta interesse graças à maneira hábil como o poeta coloca em jogo duas formas distintas de poder: a do sistema político e a da linguagem poética que o desmascara. Parece-me que a sedução exercida por toda poesia está exatamente nessa singularidade com que ela oferece seu corpo, simultaneamente aberto e impenetrável, para falar do real ao mesmo tempo que dele se afasta. Algo que Adorno comentou, mas de outro modo. O crítico e teórico alemão não abordou essa natureza sedutora da lírica, porém apontou para a resistência encarnada na subjetividade dessa linguagem, que não significa desligamento ou alienação em relação à sociedade, como muitos podem pensar. Ao contrário, o diálogo entre consciência e lirismo revela-se, não na transparência do discurso, mas na maneira como o sujeito lírico elabora a recusa dessa adesão, tensionando os vínculos entre arte e práxis.

No poema "De que riem os poderosos?", a mística do Poder é ironizada pelo poeta, na medida em que a aura enigmática que envolve os poderosos não resiste ao olhar crítico (poético) que a dessacraliza. Tal desmistificação concretiza-se na linguagem, pois o gozo do mando se transforma em gases que se dissipam, graças ao jogo verbal:

³ Refiro-me ao conhecido texto "Conferências sobre lírica e sociedade", contido em *Notas de literatura* (2003).



Riem místicos? ou terrenos
riem, com seus mistérios gozosos,
esses que fraudulentos
se assentam flatulentos
em seus misteres gasosos?

Notemos como o riso dos poderosos – alvo da crítica do poeta – instaura-se na linguagem poética por meio da manipulação lúdica dos signos. Ou seja, o riso que emana da classe política dominante escancara-se na própria caracterização que o sujeito poético dela faz: “atrozes” e “algozes”, “gozosos” e “gasosos” são palavras que rimam não apenas entre si, mas ecoam por todo o poema por meio de adjetivos que vão reiterando a imagem do Poder. “Gordos”, “melosos”, “cientes”, “ociosos”, “eternos”, “onerosos”, “olímpicos”, “fraudulentos”, “flatulentos”, enfim, toda uma carga semântica marcada pela adiposidade, procedimento de linguagem que mimetiza o engordamento do sistema político. É justamente esse poder da linguagem literária, cuja atuação está contida em sua camada significativa, que lhe permite atingir a realidade social; menos pelos sentidos ditos do que pela trama desse dizer através da enunciação.

Os versos também dão corpo à manobra retórica utilizada pelo Poder, o que transparece nas palavras proparoxítonas repetidas, típicas da fala rebuscada – “Por que tão eufemístico / exhibe um riso político / com seus números e levíticos, / com recursos estatísticos / fingindo gerar o gênesis, mas criando o apocalipse?” – a apontar para uma prática discursiva modalizada pelo engodo. Estamos fartos de saber, desde sempre, que os números e dados oferecidos pelo sistema instituído jamais correspondem à verdade e simulam uma visão progressista ou benéfica que oculta o caos, ou seja, ao invés do gênesis o apocalipse, como dizem os versos.

Sentimentos do sujeito poético são retratados por uma consciência que, a um só tempo, faz aflorar a subjetividade e a filtra por meio de mediações singulares da linguagem. Por exemplo, o coração, aludido pela perífrase “lado esquerdo do meu peito” e os nomes de órgãos do corpo – “aorta” / “omoplata” / “vértebras” / “costelas” – conferem à linguagem certa objetividade ou cientificidade, digamos, que perturba ou estranha⁴ a

⁴ Refiro-me à noção de “estranhamento”, “singularização” ou “desfamiliarização” (ostranenie) postulada por Viktor Chklosvski, formalista russo, para designar o procedimento característico da arte, por meio do qual a realidade conhecida desloca-



emocionalidade, ou a vê pelo viés irônico. Já o paradoxal segmento “pequenos grandes terremotos” revela o impossível ou absurdo que toma conta do interior do sujeito, motivados pela opressão vinda da realidade exterior, a qual deixa ruínas ou “escombros” em seu peito. Ao utilizar o termo erudito “ensangamentos” (raqitismos ou fraquezas), o poeta dribla o fácil e familiar vocábulo para revelar os poderes ocultos da linguagem, arma eficaz contra o Poder. Há uma oposição entre os “desatentos” (os poderosos do regime? os egoístas ou individualistas?) que não percebem o sofrimento do poeta, e os “mais íntimos” que acompanham suas confissões ou revelações. E a conclusão do sujeito lírico, que acaba acentuando mais um paradoxo: seu interior está “imóvel”, “soterrado/ em permanente assombro”, ou seja, o vulcânico magma que carrega encobre uma falsa imagem de tranquilidade exterior.

Volto a me lembrar de Drummond, o poeta que muito inspirou Sant`Anna, como este reconheceu. Cito o poema “Áporo”⁵, palavra polissêmica que pode significar inseto cavador, mineral fóssil ou problema sem solução, e que no poema atua como metáfora do poeta, em seu trabalho de perfurar as camadas conhecidas ou indesejáveis do real para descobrir e fazer aflorarem potencialidades guardadas, como a orquídea antieuclediana que se forma ao final, bem mais agradável do que a imagem da tirania exterior. Também no poema de Affonso, o que está guardado em seu peito pode vir à tona, dependendo do modo como é remexida essa matéria para lutar contra o que oprime. Esse modo, sem dúvida, é o que a poesia permite por meio de sua linguagem.

Em seu mais recente livro, *A Vida é Um Escândalo* (2017), Affonso Romano de Sant`Anna dirige o olhar crítico (e perplexo) à cultura atual, para focá-la em seus múltiplos aspectos. Na verdade, essa “sociedade do espetáculo”, como Guy Debord a denominou⁶, também não passa impune pelas retinas do poeta mineiro; como ele vai revelando em suas poesias, as

se de seus sentidos habituais para receber nova configuração por meio da linguagem artística. Em seu ensaio “A arte como procedimento”.

⁵ Contido em *A Rosa do Povo* (1945).

⁶ Título de seu livro, cuja 1ª edição data de 1967, sendo posteriormente muitas vezes reeditado e alvo de discussões no meio intelectual, por tratar de questões polêmicas como a indústria cultural, o poder da mídia, a face perversa da sociedade de consumo, o sistema capitalista etc. Sem dúvida, uma maneira hábil de driblar os poderes instituídos e afirmar a liberdade democrática por meio da arte.



imagens do exterior que assustam, mas ao mesmo tempo levam o sujeito a confrontar sua interioridade com o real, o público com o privado.

É o que podemos observar no poema "Tatuagens":

Intrigado, contemplo as tribos
que invadiram a cidade.
Desfilam.
Se conferem.
Se admiram:
dragões, estrelas, símbolos ancestrais
orientam os índios pós-modernos
velhos e jovens trazem
mensagens à flor da pele
nas costas
— para quem olhar.
Como sair à rua
se não tenho tatuagem?
Considero meu corpo.
— Grande mentiroso eu sou.
Sob a pele escondo tatuagens
rascunhos, subtextos.
Sou um palimpsesto
que nem eu mesmo
consigo decifrar.

Ao contrário dos que ostentam desenhos e palavras tatuados na superfície do corpo, o poeta traz em sua intimidade, sob a pele, "tatuagens / rascunhos, subtextos", signos que carrega consigo, porém, são ocultos. Não é o modismo que o atrai, a imitação fácil, reprodutora de mitos incorporados, literalmente, pelas "tribos" a desfilar nas ruas da cidade; o que marca sua identidade é algo difícil, talvez impossível, de ser decifrado, por isso, mais precioso. Definindo-se como um palimpsesto, o poeta torna-se análogo a essa singular escrita, como se precisasse de muitas rasuras para fazer aparecer o original, que nem mesmo ele consegue atingir.

Desse modo, esquivando-se e diferindo daqueles que se igualam aos grupos, perdendo sua autenticidade e autocrítica, o poeta prefere preservar traços potencialmente criativos, únicos capazes de transformar o mundo: as marcas de uma consciência poética que não abdica de sua legitimidade.



Referências

- ADORNO, T. "Conferência sobre lírica e sociedade". Notas de literatura I. São Paulo: Duas Cidades/Ed. 34, 2003.
- ANDRADE, C.D. de. Poesia Completa. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2002.
- BLOOM, H. A angústia da influência: uma teoria da poesia. Rio de Janeiro: Imago, 1991.
- CHKLOVSKI, V. "A arte como procedimento". Teoria da Literatura – formalistas russos. Porto Alegre: Globo, 1973.
- SANT'ANNA, A.R. de. A Catedral de colônia. Rio de Janeiro: Rocco, 1985.
- _____. Intervalo amoroso & outros poemas escolhidos. Porto Alegre: L&PM, 1999.
- _____. O Lado Esquerdo do Meu Peito (Livro de Aprendizagens). Rio de Janeiro: Rocco, 1992.
- _____. A vida é um escândalo. Rio de Janeiro: Rocco, 2017. Disponível em: <https://www.rocco.com.br/blog/que-pais-e-este-o-poema>.

Recebido em 15 ago. 2020 | aceite em 15 set. 2020

